

O PERFIL DAS ESCOLAS E DAS FAMÍLIAS QUE PROMOVEM O ACESSO DOS JOVENS AOS MUSEUS¹

Sibele Cazelli

Coordenação de Educação do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCT)

sibele@mast.br

Introdução

No contexto atual, ganham relevância questões sobre a demanda cultural para a inserção na sociedade contemporânea. Estes aspectos têm levado muitos autores a insistir em que a promoção da cultura seja desenvolvida por uma rede de instâncias culturais. Os museus como ambientes que possibilitam intensa interação social vêm ocupando lugar de destaque nesta rede.

Outro ponto importante diz respeito à pluralidade das culturas urbanas, à sua variação nos cenários de interação social e à emergência de novos padrões de gosto, o que tem se constituído em objeto de estudo da sociologia da cultura. Inúmeros autores sinalizam uma alteração nos padrões de consumo cultural em virtude do impacto da globalização da cultura.

Mais especificamente, os estudos sociológicos que fazem análises sistemáticas das políticas culturais e das tendências gerais das práticas culturais dos indivíduos apresentam uma tipologia das práticas culturais (Brenner; Dayrell; Carrano, 2005; Lopes, 2000). De modo geral, essa tipologia distingue, inicialmente, dois grandes grupos: práticas culturais e práticas de lazer e entretenimento. Incluem-se, no primeiro caso, a ida a ópera/concerto de música clássica, balé/espetáculo de dança, teatro, cinema, museu/exposição e livraria/biblioteca – considerados práticas de caráter clássico (ou seja, da cultura legitimada ou cultura cultivada). Já as práticas de lazer e entretenimento, também identificadas como indicadores de uma “cultura das saídas”, incluem: sair com amigos, sair para dançar, sair para almoçar ou jantar fora, frequentar cafés, ir à praia, ir ao *shopping*, ir a eventos esportivos etc., além das atividades que se praticam em casa, como ver televisão, ouvir rádio, ouvir música, ler jornais/revistas em geral.

¹ Este texto é baseado na tese de doutorado de Sibele Cazelli, *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?*, apresentada ao Departamento de Educação da PUC-Rio e defendida em agosto de 2005.

Os dados levantados pela pesquisa Informações Básicas Municipais (IBGE, 2001) contribuem para a compreensão de um dos fortes motivos da baixa taxa de participação em atividades culturais de ocupação do tempo livre. Considerando apenas cinco tipos de equipamentos culturais, aqueles associados à expressão da cultura cultivada, a pesquisa revela que as bibliotecas são os equipamentos com a maior presença municipal (79%). Além disso, menos da metade dos municípios brasileiros dispõe de livrarias (43%). Isso evidencia que a disponibilização de livros por meio das bibliotecas é mais extensa do que pela rede privada de livrarias. Já os teatros estão presentes em 19%, os museus em 17% e os cinemas em apenas 8%.

A cidade do Rio de Janeiro, apesar de ser um dos mais importantes centros culturais do país, não conseguiu ainda dar acesso à cultura de maneira equânime para seus habitantes. No tocante à distribuição de equipamentos culturais associados à expressão da cultura cultivada, a tabela 1 mostra que estão quase todos no Centro, Zona Sul, Tijuca e Barra – áreas de maior poder aquisitivo.

Tabela 1: Quantidade de museus, centros culturais, teatros, cinemas e bibliotecas na cidade do Rio de Janeiro, por área

	Museus	Centros culturais	Teatros	Cinemas	Bibliotecas
Centro, Zona Sul e Tijuca	59	57	92	55	64
Leopoldina, Madureira, Méier e Ilha	8	4	9	22	10
Jacarepaguá e Cidade de Deus	0	1	0	0	1
Barra da Tijuca	1	0	4	37	0
Campo Grande, Santa Cruz, Bangu e Guaratiba	0	5	2	4	4

Fonte: Levantamento de Eliomar Coelho com base em dados do Instituto Pereira Passos, 2003.

Quando o que está em foco é a oferta de expressões culturais, a insuficiência e a concentração não equânime do equipamento cultural afetam, em especial, as pessoas dos setores menos favorecidos do ponto de vista socioeconômico e cultural. Nas áreas em que residem 75% da população (4.417.793 habitantes) do Rio de Janeiro (Leopoldina, Madureira, Méier, Ilha, Campo Grande, Santa Cruz, Bangu, Guaratiba, Jacarepaguá e Cidade de Deus), existem apenas 73 equipamentos culturais (13% dos equipamentos instalados). Já o Centro, a Zona Sul, a Tijuca e a Barra, onde moram 25% dos cariocas (1.440.111 habitantes), dispõem de 483 aparelhos culturais (87% da capacidade instalada). Em síntese, os equipamentos associados à expressão da cultura cultivada se concentram nas áreas menos populosas e mais providas de capital cultural.

As questões relativas à importância dos museus na promoção da cultura e os dados referentes à insuficiência e à concentração não equânime dos equipamentos culturais suscitam as seguintes questões: os museus, expressões da cultura cultivada, estão presentes na experiência cultural dos jovens? Quais são as condições socioculturais que promovem o acesso às instituições museológicas?

O intuito deste trabalho está relacionado à investigação do impacto de algumas características associadas aos jovens e a seu entorno, tanto escolar como familiar, na promoção do acesso a museus ou instituições culturais afins. Mais especificamente a intenção é explorar o potencial explicativo dos capitais econômico, social e cultural. Além disso, examina a existência de relações entre o número de museus visitados pelas escolas municipais e particulares do município do Rio de Janeiro e as variáveis relacionadas a estas formas de capital, bem como alguns aspectos associados às visitas e aos museus frequentados pelos jovens.

A primeira parte do trabalho constitui-se de uma concisa revisão da literatura sobre a concepção do conceito de capital dos sociólogos Bourdieu e Coleman. Em seguida, descreve-se o procedimento metodológico utilizado. Finalmente, apresenta-se o resultado da análise e as discussões relevantes.

Os capitais econômico, social e cultural na concepção de Bourdieu e Coleman

Os sociólogos Pierre Bourdieu (1989; 2001a; 2001b) e James Coleman (1988) introduziram o conceito de *capital* na análise social para se referirem não apenas à sua forma econômica, mas também à sua forma cultural e social. Esse termo da área econômica foi utilizado pelos dois autores no estudo das desigualdades escolares, como metáfora para falar das vantagens culturais e sociais que indivíduos ou famílias possuem e que, geralmente, os conduzem a um nível socioeconômico mais elevado.

A problemática que leva esses dois estudiosos a uma concepção ampliada do conceito de capital repousa, fundamentalmente, sobre evidências empíricas que apontam as limitações do conceito de capital econômico para explicar plenamente a ligação entre nível socioeconômico e bons resultados educacionais, o que os faz considerar que outras formas de capital, tais como o capital social e cultural, além de interagirem com o capital econômico, contribuem diretamente para fortalecer essa relação.

Bourdieu e Coleman desenvolvem o conceito de capital em bases teóricas distintas, mas compartilham concepções similares, particularmente no que diz respeito ao conceito de capital econômico. Para Bourdieu, o capital econômico (diferentes

fatores de produção, assim como dinheiro, patrimônio, bens materiais) permite que indivíduos e grupos elaborem estratégias para manter ou melhorar sua posição social. Por sua vez, Coleman define o capital econômico tanto como renda e riqueza material como em termos dos bens e serviços a que ele dá acesso. Esse autor vê o capital econômico como uma parte importante da relação que une o *background* familiar às diferentes posições socioeconômicas.

Quanto ao conceito de capital social, Bourdieu diz que ele está associado aos benefícios mediados pelas redes extrafamiliares e às lutas concorrenciais entre indivíduos ou grupos no interior de diferentes campos sociais. As ligações estabelecidas entre os indivíduos de um mesmo grupo não são somente advindas do compartilhamento de relações objetivas e de espaço econômico e social, mas também fundadas em trocas materiais e simbólicas. Já Coleman define o conceito de capital social pela sua função, argumentando que este tipo de capital não é um atributo dos indivíduos, mas um aspecto dependente do contexto e da estrutura social, isto é, inerente à estrutura das relações entre dois ou vários atores. Para ele, esse conceito guarda uma relação estreita com o grau de integração social de um indivíduo e sua rede de contatos sociais. O tamanho da rede não importa tanto, mas sim a qualidade das relações que nela se estabelecem.

Em síntese, enquanto Bourdieu enfatiza os conflitos e as lutas concorrenciais entre indivíduos e grupos pelos diferentes espaços de poder, Coleman destaca os meios pelos quais os diferentes grupos sociais trabalham em conjunto e as relações de reciprocidade e de confiança entre seus membros. Provavelmente, as diferenças existentes entre essas duas perspectivas contêm, de maneira implícita, parte das razões que tanto levam Bourdieu a relativizar o papel da família na mobilização de capital social como levam Coleman a enfatizar as relações internas à família como uma das principais fontes de mobilização desse tipo de capital.

Enredado na malha familiar está o conceito de capital cultural de Bourdieu. No seu entendimento, o capital cultural pode existir de três maneiras: nos estados incorporado, objetivado e institucionalizado. No estado incorporado, dá-se sob a forma de disposições duráveis do organismo, tendo como principais elementos constitutivos os gostos, o domínio maior ou menor da língua culta e as informações sobre o mundo escolar. No estado objetivado, o capital cultural existe sob a forma de bens culturais, tais como esculturas, pinturas, livros etc. Para possuir os bens culturais na sua materialidade, é necessário ter simplesmente capital econômico, o que se evidencia na

compra de livros, por exemplo. Todavia, para se apropriar simbolicamente desses bens, é necessário possuir os instrumentos de tal apropriação e os códigos necessários para decifrá-los, ou seja, é necessário possuir capital cultural no estado incorporado. Já no estado institucionalizado, o capital cultural materializa-se por meio dos diplomas escolares.

Notas metodológicas

As questões sobre as relações existentes entre os capitais econômico, social e cultural e o número de museus ou instituições culturais afins visitados pelas escolas municipais e particulares do município do Rio de Janeiro, e as relacionadas às características familiares promotoras do acesso a estes locais apóiam-se em algumas hipóteses: (i) do ponto de vista escolar, a possibilidade de professores e escolas contribuírem para o estoque de capitais social e cultural que viabiliza o acesso dos jovens a museus ou instituições culturais afins são mediadas por aspectos das políticas culturais e educacionais que contribuem para aproximar ou afastar as escolas e seus estudantes dos equipamentos culturais; (ii) do ponto de vista familiar, o capital social mobilizado para dar apoio aos jovens depende não apenas de seu nível socioeconômico, mas da estrutura familiar e do volume de seu capital cultural.

Dados

Os dados utilizados são referentes a um questionário contextual auto-administrado, aplicado aos jovens, aos profissionais das escolas envolvidos com a organização de visitas a museus e aos diretores das unidades escolares. Acessados via escola, foram escolhidos os jovens da oitava série do ensino fundamental, porque essa série corresponde ao fechamento de um ciclo. Eles foram selecionados a partir de uma amostra de escolas situadas no município do Rio de Janeiro. O plano amostral foi baseado em amostragem probabilística complexa, envolvendo estratos, conglomerados e pesos amostrais. A amostra final foi composta por 48 escolas (25 municipais e 23 particulares), 80 turmas de oitava série e 2.298 alunos. No contato com as unidades escolares, foram identificados os profissionais diretamente envolvidos com a organização de visita (81 professores e/ou coordenadores pedagógicos responderam ao questionário). No tocante aos diretores (48), três não responderam a ele.

Para o profissional da escola foram priorizadas as questões associadas aos conceitos referentes ao padrão de acesso, ao nível socioeconômico da escola, à

disponibilidade de recursos educacionais/culturais escolar e à prática cultural dos profissionais. No tocante ao padrão de acesso, apresentou-se uma relação com o nome de 18 museus situados no município do Rio de Janeiro. Com base nessa lista, solicitou-se que informasse que locais a escola visitou, nos últimos 12 meses (referentes ao ano de 2003), levando em conta todas as turmas que os visitaram, e não apenas as da oitava série. Na seqüência, um item pedia que nomeassem outras instituições museológicas visitadas não constantes da relação apresentada.

No que diz respeito ao capital cultural baseado na escola, indagamos aos profissionais sobre a disponibilidade no local dos recursos educacionais/culturais: jornais, revistas de informação geral, revistas de divulgação científica, televisão, videocassete ou DVD, vídeos educativos, aparelho de som, retroprojeter, projetor multimídia, computador, *softwares* educativos e acesso à Internet. A disponibilidade foi medida a partir de duas categorias de resposta: *sim* e *não*. Além disso, perguntamos sobre a freqüência com que, nos últimos 12 meses (referentes ao ano de 2003), foram a cinema, teatro, ópera ou concerto de música clássica, balé ou espetáculo de dança, *show* de música e livraria. A freqüência foi medida a partir de quatro categorias de resposta: *não*, *1 a 2 vezes*, *3 a 4 vezes* e *mais de 4 vezes*.

Para o aluno foram priorizadas as questões que solicitavam o nome dos museus visitados ao longo da vida, as de caráter sociodemográfico e, fundamentalmente, as que se baseiam em trocas materiais e simbólicas (capitais econômico, social e cultural).

Foi indagado se havia visitado, em algum momento de sua vida, museus ou instituições culturais afins. Depois, seguia-se um encadeamento de questões cujo propósito era verificar se lembrava o nome dos locais visitados ou algo relacionado a eles. Foi solicitado que nomeasse o museu de que mais gostou, um outro além deste e, por fim, caso tivesse visitado mais um ou mais dois ou vários outros, o nome de cada um deles. Deste modo, foi possível obter a nomeação de oito instituições museológicas visitadas ao longo da vida. Aspectos como período, número e contexto da visita estavam condicionados às duas primeiras questões.

Cabe lembrar que, em primeira instância, foram consideradas como instituição cultural afim a museu espaços como jardim botânico, reserva florestal, zoológico e planetário que já são contemplados pela definição de museu presente nos estatutos do Comitê Brasileiro do Comitê Internacional de Museus. Além disso, ampliou-se este entendimento para outros espaços culturais, como centro cultural, teatro municipal e biblioteca nacional. Pelo fato de os jovens mencionarem que visitam jardim botânico e

zoológico com a família, não somente com a escola – visita agendada com objetivos educacional-pedagógico e cultural –, optou-se por dividir os museus visitados pelos alunos ao longo da vida em dois grupos: amplo e restrito. O amplo engloba os museus de qualquer temática, incluindo jardim botânico e zoológico. O restrito engloba todos, com exceção destes dois últimos espaços. Tal divisão possibilitou uma análise mais precisa do acesso a museus, visto que locais como jardim botânico e zoológico são atrativos e assumem, dependendo do contexto, um caráter de prática de lazer e entretenimento.

Medidas utilizadas

Foram selecionados para a análise bivariada (cruzamento entre a variável dependente e a explicativa) os seguintes indicadores oriundos do questionário do profissional envolvido com a organização de visita:

1) Variável dependente (a que se quer explicar)

► *Número de museus visitados – qualquer temática restrito.* Indica o número de museus visitados pela escola nos últimos 12 meses (referentes ao ano de 2003), considerando todas as turmas que os visitaram.

2) Variáveis explicativas

► *Nível socioeconômico da escola*

Medida do nível socioeconômico médio dos alunos da escola. Primeiramente, três indicadores de posição socioeconômica e cultural foram construídos: escolaridade familiar, evidência de riqueza familiar e disponibilidade de recursos educacionais/culturais familiar. Em um segundo momento, esses três indicadores foram agregados em um único índice, resultando no nível socioeconômico.

► *Disponibilidade escolar de recursos educacionais/culturais*

Medida da existência e/ou disponibilidade de determinados recursos educacionais/culturais na escola.

► *Prática cultural dos profissionais da escola*

Medida da prática cultural dos profissionais da escola nos últimos 12 meses (referentes ao ano de 2003).

No que diz respeito ao questionário do aluno, foram selecionadas para a análise bivariada as seguintes variáveis:

1) Variáveis dependentes (a que se quer explicar)

► *Número de museus visitados_ qualquer temática restrito*

Indica o número de museus visitados pelo aluno ao longo da vida; não engloba jardim botânico e zoológico por razões já discutidas acima.

► *Visita museu_qualquer temática restrito*

Indica se o aluno visitou museu ao longo da vida (modificação da variável de contagem número de museus visitados: mínimo=0 e máximo=8).

2) Variáveis explicativas

► As variáveis explicativas relacionadas às características dos estudantes que foram selecionadas para a análise bivariada incluem *gênero*, *interesse em assuntos sociocientíficos* e *prática cultural* (as duas últimas estão associadas ao capital cultural). Já as relacionadas a seu entorno incluem: *composição familiar*; *escolaridade familiar*; *disponibilidade familiar de recursos educacionais/culturais*; *diversidade de leitura dos pais ou responsáveis* (as três últimas associadas ao capital cultural); *diálogo familiar* (associada ao capital social baseado na família) e *posse de bens materiais* (associada ao capital econômico).

A promoção do acesso a museus a partir dos dados do contexto escolar

Apresento e discuto agora os principais resultados relativos ao padrão de acesso e ao número de museus visitados, em função da rede de ensino, do nível socioeconômico, da disponibilidade escolar de recursos educacionais/culturais e da prática cultural dos profissionais da escola.

Número de museus visitados e o nível socioeconômico dentro de cada rede de ensino

A recente pesquisa do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), em 2000, coordenado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), abrangendo 32 países participantes, comprovou que o Brasil apresenta um dos mais altos índices de correlação entre o nível socioeconômico médio dos alunos e a presença de recursos escolares relevantes para o aprendizado. Esses resultados têm sido confirmados em estudos, envolvendo os dados coletados, em 2001, pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) que mostram que o nível socioeconômico é uma variável definidora da segmentação do sistema de ensino e que a alocação dos alunos nas escolas não é aleatória.

Os achados oriundos da relação entre o *número de museus visitados_qualquer temática restrito* e o nível socioeconômico dentro da rede municipal e privada estão em

consonância com as pesquisas mencionadas anteriormente. Existe uma forte relação entre nível socioeconômico e rede de ensino. Há uma grande concentração de escolas municipais abaixo da média (nível socioeconômico baixo), enquanto a maioria das particulares está acima da média (nível socioeconômico alto). Além disso, considerando o nível socioeconômico dentro de cada rede, apurou-se que, dentro da rede municipal, o valor do nível socioeconômico alto é menor do que o valor do nível socioeconômico baixo da maioria das escolas da rede privada.

A despeito desse fato, o número médio de museus visitados pelas escolas municipais de nível socioeconômico baixo (5.17) e alto (4.92) é maior do que o número médio das escolas particulares de nível socioeconômico baixo (3.27). Tem destaque o número médio de museus visitados pelas escolas particulares de nível socioeconômico alto (8.00).

Em síntese, observando exclusivamente a rede municipal, fica evidente que a prática de visita a museus ocorre tanto nas unidades escolares de nível socioeconômico baixo como nas de nível socioeconômico alto. Os alunos pertencentes a ambas têm acesso garantido a esse tipo de espaço cultural. Já na rede privada, essa prática assume traços distintos: o acesso, bem como o número de museus visitados para os alunos pertencentes às escolas de nível socioeconômico baixo, é bem menor.

No que diz respeito à prática de visita a museus, pode-se concluir que as escolas municipais têm um papel equalizador. Em outras palavras, promovem equidade, uma vez que o número médio de instituições museológicas visitadas pelas escolas municipais, com nível socioeconômico baixo ou alto, é maior do que o número médio das escolas particulares de nível socioeconômico baixo. No que se refere ao acesso a museus, não pesa tanto para os alunos pertencer à rede municipal. Mas a situação é bem diferente quando deslocamos o foco para o desempenho escolar.

Com base nos dados relativos ao desempenho médio em matemática dos alunos da oitava série do ensino fundamental, pertencentes às escolas municipais e particulares do município do Rio de Janeiro que participaram do Saeb no ano de 2001, verifica-se que, nas escolas municipais de nível socioeconômico baixo (239 pontos) e de nível socioeconômico alto (257 pontos), ele está abaixo da média (280 pontos) e é menor do que o das escolas particulares de nível socioeconômico baixo (287 pontos) e de nível socioeconômico alto (316 pontos), ambas acima da média. Nesse caso, ao contrário do que se observou em relação à promoção do acesso a museus, é mais vantajoso para os

alunos estudar em escolas da rede privada de nível socioeconômico baixo do que pertencer à rede municipal.

Número de museus visitados e a disponibilidade de recursos educacionais/culturais

Os achados encontrados indicam que a maioria das escolas municipais possui baixa disponibilidade desse tipo de recurso (há uma concentração em torno da média e um grupo pequeno que se equipara às unidades da rede privada), enquanto, nas particulares, essa disponibilidade é alta.

Para verificar se a disponibilidade de recursos educacionais/culturais tem associação com o número de museus visitados, foi calculada a correlação entre a variável dependente (*número de museus visitados_qualquer temática restrito*) e a explicativa (*disponibilidade escolar de recursos educacionais/culturais*). Considerando apenas a rede municipal, observou-se que a correlação é nula, ou seja, não existe associação entre essas variáveis. Já na rede privada, a correlação foi evidente: existe uma associação, isto é, escolas que têm alta disponibilidade de recursos educacionais/culturais visitam um número maior de museus.

Esses resultados expressam o fato de que o fomento para o acesso a museus é uma política geral da rede municipal, reafirmando que ações, mobilização, investimentos e trocas que são estabelecidas para instituir a prática de visita estão associados às unidades escolares.

Número de museus visitados e a prática cultural dos profissionais da escola

Os achados encontrados indicam que a maioria das escolas municipais possui profissionais com prática cultural abaixo da média (há uma concentração em torno da média e um grupo pequeno que se equipara às unidades da rede privada). Já a maioria das escolas particulares possui profissionais com alta prática cultural.

Para verificar se a prática cultural dos profissionais da escola tem associação com o número de museus visitados, foi calculada a correlação entre a variável dependente (*número de museus visitados_qualquer temática restrito*) e a explicativa (*prática cultural dos profissionais da escola*). Considerando apenas a rede municipal, observou-se que a correlação é nula, ou seja, não existe associação entre essas variáveis. Já na rede privada, a correlação foi evidente: existe uma associação, isto é, escolas cujos profissionais têm alta prática cultural visitam um número maior de museus.

Esses resultados, semelhantes àqueles que foram encontrados para o indicador *disponibilidade escolar de recursos educacionais/culturais*, reafirmam que o fomento para o acesso a museus é uma política geral da rede municipal e está associada à escola.

As visitas e os museus freqüentados pelos alunos

Os museus visitados pelos alunos ao longo da vida foram classificados de acordo com: temática, subcategorias dentro de cada temática e localização geográfica.

No que diz respeito aos resultados oriundos da relação entre a variável explicativa *rede* e a variável dependente *número de museus visitados_qualquer temática restrito*, observou-se que o percentual de alunos das escolas particulares que não visitaram museus (15%) é menor do que o das escolas municipais (31%). Constatou-se, ainda, que os estudantes da rede privada visitaram uma quantidade maior de museus (número médio = 2.23), em comparação com os da rede municipal (número médio = 1.35).

Considerando o número e as distintas temáticas dos museus visitados ao longo da vida por rede de ensino, verificou-se que os museus de ciência e tecnologia foram os mais visitados pelos alunos, em comparação com as instituições de outras temáticas. No tocante à variável *número de museus visitados_C&T restrito* (não engloba jardim botânico e zoológico), o percentual de alunos das escolas particulares que não visitaram (58%) é menor do que o das escolas municipais (62%). O número médio de museus visitados apresenta uma diferença muito pequena 0.52 *versus* 0.46, respectivamente.

Em relação à variável *número de museus visitados_história*, 54% dos alunos da rede privada e 76% dos da rede municipal não foram a esses locais (número médio de museus visitados = 0.68 *versus* 0.31, respectivamente). Para a variável *número de museus visitados_arte*, os resultados encontrados indicam que 64% dos alunos da rede privada e 81% dos da rede municipal não foram a esses locais (número médio de museus visitados = 0.48 *versus* 0.21, respectivamente). No que diz respeito à variável *número de museus visitados_centros culturais*, 70% dos alunos da rede privada e 88% dos da rede municipal não foram a esses locais (número médio de centros culturais visitados = 0.39 *versus* 0.14, respectivamente). O caso dos museus militares é o único em que o percentual de estudantes das escolas particulares que não visitaram é maior do que o encontrado para as unidades municipais: 84% e 79%, respectivamente (número médio de museus visitados = 0.23 *versus* 0.17).

No tocante à variável *número de museus visitados_município do Rio de Janeiro*, apurou-se que apenas 7% dos alunos da rede privada e 16% dos da rede municipal não

foram a museus localizados nessa região. Considerando a variável *número de museus visitados fora do município do Rio de Janeiro* (museus localizados em outros municípios do estado do Rio de Janeiro ou em outros estados brasileiros), o percentual de alunos das escolas particulares que não visitaram (65%) continua menor do que o das escolas municipais (88%). Como o esperado, somente os alunos das escolas particulares visitaram museus localizados no exterior (4%).

A seguir, são apresentados e discutidos os resultados da relação entre contexto da visita (com quem visitou) e rede de ensino.

Sabe-se, com base na literatura específica, que jovens estudantes, em geral, chegam aos museus por meio da família e da escola. Por conta disso e dos baixos percentuais encontrados para as outras situações de visita (sozinho, com amigos, com outras pessoas), optou-se por comentar a distribuição relativa a esses dois contextos. Observou-se que o percentual de alunos da rede privada que visitaram o museu de que mais gostaram *apenas com a família* (42%) é maior do que o encontrado para a rede municipal (27%). Ocorre uma inversão quando o contexto da visita muda para *apenas com a escola*: 41% da rede municipal *versus* 25% da rede privada. Esses achados dão pistas para explicar as diferenças encontradas entre o número médio de museus visitados pelos alunos e o número médio de museus visitados pelas escolas.

Famílias e escolas têm um papel relevante na constituição de um “gosto” e de um “*habitus*” (Bourdieu, 2001 a) de visita a museus ou instituições culturais afins. Ou seja, é um trabalho de *inculcação* e de *assimilação* que exige investimentos de longa duração e que pode perfeitamente ser desempenhado por esses contextos, uma vez que a maioria dos jovens ainda passa grande parte de seu tempo no convívio com a família e com a escola. Com base nos resultados encontrados, pode-se dizer que, para os alunos pertencentes à rede municipal, a escola é um contexto muito importante, não só para promover o acesso, mas para garantir um número maior de museus visitados. Para os alunos da rede privada, a família atua de forma mais marcante, garantindo o acesso e a quantidade de instituições culturais visitadas.

A promoção do acesso a museus a partir dos dados do contexto familiar

Apresento e discuto agora os principais resultados relativos à visita a museus ao longo da vida, em função de características associadas aos jovens e a seu entorno familiar.

Gênero

Com relação ao gênero, apurou-se que o percentual de visita a museus entre as meninas é maior do que entre os meninos: 83% e 73%, respectivamente.

Interesse em assuntos sociocientíficos

Foi indagado aos estudantes sobre a frequência (*não, raramente, quase sempre e sempre*) com que nos últimos 12 meses (2003) utilizaram jornais, programas de televisão, filmes, revistas e/ou livros e Internet para se informarem sobre assuntos sociocientíficos. Para este trabalho foi selecionada a variável *leitura de jornais sobre assuntos científicos* e recodificadas as categorias de resposta de forma a assumir valor um quando o aluno informa que nos últimos 12 meses utilizou este meio e valor zero para o caso contrário. Os resultados mostram que o percentual de alunos que visitaram museus ao longo da vida é maior entre aqueles que lêem nos jornais matérias sobre assuntos científicos do que entre os que não lêem: 81% e 66%, respectivamente.

Prática cultural

Um indicador de prática cultural² foi construído a partir das respostas dos alunos sobre a frequência (*não, 1 a 2 vezes, 3 a 4 vezes e mais de 4 vezes*) com que nos últimos 12 meses (2003) foram a cinema, teatro, ópera ou concerto de música clássica, balé ou espetáculo de dança, show de música, livraria e biblioteca fora da escola. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *prática cultural* com três categorias: baixa, média e alta. Os resultados mostram que o percentual de estudantes que visitaram museus é bem maior entre aqueles cuja prática cultural está acima da média (90%), em comparação com os que possuem esse indicador abaixo da média (64%).

A seguir são apresentados os resultados, envolvendo as variáveis explicativas associadas às características do contexto familiar dos estudantes.

Composição familiar

Para conhecermos a estrutura familiar, utilizamos as respostas dos alunos à pergunta “quem mora na sua casa com você” e estabelecemos as seguintes categorias: *nuclear, monoparental e sem os pais*. Verificamos que o percentual de visita entre os alunos cuja composição familiar é do tipo nuclear (82%) é maior, em comparação com os que possuem arranjo familiar do tipo monoparental (76%) e sem os pais (72%).

² Obtido com base na Teoria de Resposta ao Item (TRI) Não Paramétrica, forma generalizada da escala de Mokeen para itens dicotômicos (Molenaar, 1997).

Escolaridade familiar

A escolaridade familiar é um dos aspectos mais recorrentes dos diferentes tipos de capital que inúmeros estudos quantitativos têm se empenhado para operacionalizar. Foi solicitado aos estudantes que respondessem sobre *até que série sua mãe ou responsável estudou* e sobre *até que série seu pai ou responsável estudou*. A partir destes itens foi criado o indicador de escolaridade familiar, isto é, o número mais alto entre os anos de estudo da mãe e do pai. As variáveis, *escolaridade do pai* e *escolaridade da mãe*, foram recodificadas da seguinte forma: 1 – estudou até 8ª série (EF); 2 – estudou até 3ª série (EM) e 3 – estudou até ensino superior. Constatou-se que o percentual de visita entre os estudantes cuja família tem ensino superior (86%) é maior, comparado com os que estão inseridos em contextos nos quais a escolaridade familiar se restringe ao ensino médio (76%) e fundamental (69%).

Disponibilidade familiar de recursos educacionais/culturais

Um indicador de disponibilidade de recursos educacionais/culturais foi construído a partir das respostas dos alunos sobre a existência nas suas casas de jornal diário, jornal de fim-de-semana, revista de informação geral, enciclopédia, Atlas, dicionário, acesso à Internet, programas educativos de computador, livros de literatura, CD de música clássica, CD de música brasileira e instrumentos musicais. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando em uma variável com três categorias: baixa, média e alta. Apurou-se que o percentual de estudantes que visitaram museus é bem maior entre aqueles que dispõem em suas casas desse tipo de recurso (89%), em comparação com os que possuem esse indicador abaixo da média (67%).

Diversidade de leitura dos pais

Foi indagado aos estudantes sobre a frequência com que, nos últimos 2 meses (os questionários foram aplicados entre 23/03 e 07/07 de 2004), viram seus pais ou responsáveis lendo jornal, revistas, bíblia ou outros livros sagrados, livros de literatura e poesia. Um indicador de diversidade de leitura foi construído a partir das respostas dos alunos sobre os diferentes meios de comunicação impressos que pais ou responsáveis lêem. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *diversidade de leitura dos pais* com três categorias: baixa, média e alta. Observou-se que o percentual de visita entre os estudantes cujos pais ou responsáveis possuem diversidade

de leitura acima da média é alto (88%). Já entre aqueles cujos pais possuem baixo nível de diversidade de leitura, o percentual cai para 68%.

Diálogo com os filhos

As variáveis presentes no questionário dos alunos que foram utilizadas, neste estudo, para investigar os atributos do capital social baseado na família estão associadas ao diálogo com os filhos. Foi perguntado aos estudantes sobre a frequência (*nunca, raramente, quase sempre e sempre*) com que seus pais conversam com eles: sobre livros, sobre filmes, sobre programas de televisão; sobre outros assuntos, sobre a continuidade de seus estudos e sobre sua futura profissão.

Um indicador de diálogo familiar foi construído a partir das respostas dos alunos sobre os tipos de assunto que conversam com os pais ou responsáveis. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *diálogo com os filhos* com três categorias: baixa, média e alta. Os resultados mostram que o percentual de alunos que visitaram museu é maior entre aqueles cujo diálogo familiar está acima da média (87%), em comparação com os que possuem esse indicador abaixo da média (70%).

Posse de bens materiais

O capital econômico é usualmente mensurado por meio da renda ou riqueza familiar, assim como pela situação de bem-estar material dos domicílios expressa pelas condições de moradia. Há comprovações de que é inapropriado perguntar para alunos de 8ª série do ensino fundamental sobre a renda familiar, uma vez que as respostas são imprecisas. Foi indagado, então, sobre a existência e/ou disponibilidade (*não dispõe, dispõe de 1, 2 e 3 ou mais*), em suas residências, dos seguintes itens: banheiro, rádio, televisão, videocassete ou DVD, computador, telefone fixo, celular, máquina de lavar roupa, máquina de lavar louça e automóvel.

Um indicador foi construído a partir das respostas dos alunos sobre a posse desses tipos de bem. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *posse de bens materiais* com três categorias: baixa, média e alta. Os resultados evidenciam que o percentual de estudantes que visitaram museus é maior entre aqueles cujas famílias dispõem de bens materiais acima da média (86%), em comparação com os que possuem esse indicador abaixo da média (69%).

Comentários finais

Os contrastes socioeconômicos da sociedade brasileira também se manifestam na desigualdade do acesso a bens, produtos, serviços, informações, meios de produção e espaços públicos de cultura. Em um quadro de restrições orçamentárias tanto do Estado como das famílias, a cultura, inúmeras vezes, é vista como algo secundário ou privilégio de poucos. Os espaços de cultura com todas as suas potencialidades, principalmente para os jovens, são momentos privilegiados de construção de relacionamentos sociais com múltiplas mediações, desde os mais orientados para a satisfação de necessidades pessoais até aqueles voltados para o estabelecimento de vínculos sociais.

A pesquisa Informações Básicas Municipais (IBGE, 2001) e o levantamento de Eliomar Coelho, com base em dados do Instituto Pereira Passos (2003), contribuem para a compreensão de um dos fortes motivos para a baixa taxa de participação em atividades culturais de ocupação do tempo livre. Políticas culturais públicas devem ser capazes de atuar sobre essas condições desiguais, favorecendo a criação de situações materiais que possam aumentar as possibilidades de fruição do tempo livre, bem como democratizar o acesso a espaços, equipamentos, instituições e serviços de cultura.

Uma das primeiras conclusões que se destacam é que os jovens brasileiros residentes no município do Rio de Janeiro visitam museus e têm acesso a eles por meio de suas famílias ou da escola na qual estudam. Do ponto de vista do contexto escolar, as desigualdades relacionadas à prática de visita se manifestam, notadamente, quando considerada a variável rede de ensino. O nível socioeconômico é um condicionante que segmenta essa rede em duas partes: as unidades escolares de nível socioeconômico baixo (rede municipal) e as de nível socioeconômico alto (rede privada).

As escolas municipais visitam museus mais frequentemente do que as escolas particulares que possuem nível socioeconômico inferior ao nível socioeconômico médio da rede privada, ainda que o nível socioeconômico dessas escolas seja maior que o das escolas da rede municipal. Além disso, o quantitativo dos jovens das unidades municipais que afirmaram ter visitado o museu de que mais gostaram *apenas com a escola* é bem maior do que o das unidades particulares. Conclui-se, portanto, que o capital social baseado na escola – ações, mobilizações, investimentos, trocas – contribui para o alargamento da experiência cultural dos jovens em geral e dos jovens pertencentes às escolas públicas em particular. Em outras palavras, as escolas municipais possuem um papel ativo e equalizador, particularmente relevante para os jovens cujas famílias têm menor volume de capital cultural.

Os resultados, especialmente o relativo ao fomento que a escola concede às visitas a instituições museológicas, reforçam a relevância de uma política mais ativa e mais efetiva de aprimoramento dos acervos, da preservação de coleções e dos programas educacionais de museus. Esse tipo de política certamente potencializa a promoção de equidade cultural, uma vez que as instituições escolares facilitam a aproximação dos jovens com os museus, considerados pela sociedade como uma das mais importantes expressões da cultura cultivada.

Considerando as características associadas aos jovens e a seu entorno familiar – gênero e composição familiar –, no que se refere a gênero, verificamos que as meninas vão mais a museus do que os meninos. Os efeitos da variável gênero, provavelmente estão associados com situações de vida e processos sociais que reafirmam a inserção em expressões culturais distintas.

Arranjos familiares do tipo nuclear, nos quais os pais vivem juntos e concedem atenção especial às crianças e aos jovens, permitem não só o acompanhamento cotidiano da escolarização dos filhos, mas a criação de um ambiente de socialização mais denso, pela multiplicação de atividades extra-escolares e pelo desenvolvimento de estratégias de diferenciação cultural. Para jovens inseridos neste contexto, os resultados mostram que a frequência a museus é maior.

Uma das conclusões marcantes, do ponto de vista do contexto familiar, guarda estreita relação com a mobilização das redes de apoio social promovidas em seu interior, ou seja, capital social familiar – expresso no diálogo com os filhos sobre vários assuntos e nas interações durante as trocas cotidianas nos momentos das refeições e das atividades de lazer e entretenimento de dentro de casa. Isto confirma os pressupostos de Coleman a respeito da importância da qualidade da rede intrafamiliar de capital social, especificamente da qualidade das relações que se estabelecem entre pais e filhos. Também os pressupostos de Bourdieu referentes ao conceito de capital cultural, enredado na malha familiar, na qual as conversações entre pais e filhos, notadamente aquelas sobre assuntos associados aos programas de televisão, filmes e livros, indicam uma preocupação dos pais com a transmissão da herança cultural, adensando as trocas simbólicas entre as duas gerações.

Desse modo, o capital social baseado na família somado ao capital cultural no estado incorporado (leitura nos jornais de matérias sobre assuntos sociocientíficos e prática cultural), institucionalizado (escolaridade familiar) e objetivado (disponibilidade

de recursos educacionais/culturais) tem efeitos bastante significativos no acesso dos jovens a museus.

Pode-se dizer que os recursos culturais do contexto familiar (capital cultural) são muito mais importantes do que os econômicos (capital econômico) na promoção do acesso dos jovens às instituições museológicas.

No que se refere à prática cultural relacionada à cultura cultivada: frequência à ópera/concerto de música clássica, balé/espetáculo de dança, teatro, cinema, livraria e biblioteca fora da escola, foi constatado que jovens que possuem este tipo de prática acima da média apresentam chances bem maiores de acesso a expressões culturais como museus.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.) *Escritos de educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001 a, p. 73-79.

_____. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.) *Escritos de educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001 b, p. 65-69.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005, p. 175-214.

CAZELLI, S. *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?*. 2005. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro.

COELHO, E. *A cultura merece respeito* (encarte). Rio de Janeiro. 2005.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, v. 94, p. S95-S120, 1988.

FRANCO, C. (Org.). *Avaliação, ciclos e promoção na educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Informações Básicas Municipais (Munic). 2001. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2005.

LOPES, J. T. *A cidade e a cultura: um estudo sobre as práticas culturais urbanas*. Porto: Afrontamento, 2000.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.